

## LÍNGUA GLOBAL X LÍNGUA UNIVERSAL: DIFERENÇAS E/OU SEMELHANÇAS?

Ivanise JURACH\*

*ABSTRACT: The text aims to discuss some of considerations that are being investigated in our master's dissertation, what is named as: "The language notion operating on the mediatic instruments of linguistic divulgation". We intend to understand the ideological operating that determines the places occupied for the English Language and for the Esperanto in an ample context. What are the linguistics politics on that they are sub write? We observe that English is the language of domination (capitalist), while the Esperanto is a linguistic movement that intends to promote the linguistic homogenization by a religious doctrine. The discourses that emerge in our research corpus refer us to the relations between State and Church. So, we'll approach these relations by the Discourse' Analysis (DA) of French line to investigate the Global Language and Universal Language notions that emerge on the mediatic instruments of linguistic divulgation.*

*KEYWORDS: language; discourse; mediatics instruments; ideology; homogenization.*

### 1. Introdução

O tema que elegemos para adentrar em nossos estudos - a relação que o sujeito estabelece com a língua, fazendo-a funcionar de um modo e não de outro nos instrumentos midiáticos de divulgação linguística - é muito denso. A língua é concebida sob vários aspectos e a partir de diversas teorias, cada época a define de acordo com a sua história e são diferentes as designações e/ou nomeações que lhe cabem em determinado contexto. Diante deste fato, para podermos operar com este assunto será necessário tomar uma posição e estabelecer um recorte devido às inúmeras possibilidades de interpretação, às quais somos convocadas a partir da palavra língua.

É a partir do mito que a Bíblia apresenta sobre a Torre de Babel (GÊNESIS, 11, 01-09) que demarcamos o início das discussões sobre a língua. Em nossa compreensão há recorrência ao discurso religioso sempre que se tenta recuperar ou fazer retornar a língua que teria dado origem para o mundo, a língua falada pelo seu criador, a qual deveria imaginariamente ser única. Nesse caso, a ideologia funciona para apagar as diferenças e produzir efeito de que todos são iguais (cf. GADET & PÊCHEUX, 2004).

Tratamos da relação entre o espaço atribuído para as línguas no imaginário social que se constitui pelo processo sócio-histórico e econômico acompanhado de uma ideologia dominante, a qual determina a posição de destaque e prestígio ou de desprestígio ocupada por uma referida língua, de acordo com as condições de produção em que tal(is) discurso(s) é(são) produzido(s). Arriscamo-nos a dizer que é o poder econômico dominante que eleva a importância de uma língua em detrimento de outras, tendo a mídia como aparelho a seu favor, recurso que atualmente acelera a difusão da(s) língua(s) e conseqüentemente faz com que alguma(s) se torne(m) mais aceita(s) do que outras, estando à disposição para divulgar os interesses de um Estado que desenvolve uma política econômica e linguística específica.

No tocante às línguas, são dois discursos que vem à tona a partir do processo sócio-histórico, os quais também determinam ideologicamente a tomada de posição-sujeito em

---

\* Mestranda em Estudos Linguísticos na UFSM, sob orientação da professora Dr. Verli Fátima Petri da Silveira.

tempos atuais, são discursos da ordem do Estado<sup>1</sup> e da Igreja. Embora o fato destes discursos serem diferentes, compreendemos que os seus interesses não estão muito distantes (cf. HAROCHE, 1992), o que nos incita a investigar quais são as aproximações e os distanciamentos apontados por estes dois aparelhos ideológicos (Estado x Igreja), observando os efeitos de evidência que circulam neles e por eles. Neste caso, abordamos duas línguas que emergem em especial no *corpus* de nossa pesquisa: a Língua Inglesa e o Esperanto.

Para este trabalho reunimos um arquivo composto por 24 instrumentos midiáticos de divulgação linguística dos Cursos de Idiomas, os quais divulgam o ensino/aprendizagem da Língua Inglesa. Quanto ao Esperanto, o arquivo foi elaborado a partir de *blogs* e espaços de circulação da internet, onde identificamos a divulgação desta língua. Salientamos que este arquivo ilustra as questões que discutimos teoricamente. Iremos tratar da Língua Inglesa e do Esperanto enquanto línguas que circulam, às vezes mais e às vezes menos, nos espaços de mídia.

## 2. Imaginário social e designação de língua

As investigações que estão sendo apontadas neste trabalho permitem compreender que o imaginário é determinante para que a língua circule de um modo e não de outro nos instrumentos que a divulgam tendo em vista a representatividade que o sujeito constrói. Esta imagem de língua que o sujeito toma para si constitui o processo de significação a partir do que se compreende como língua. Segundo afirma Orlandi (1999, p. 42), o imaginário “assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas por relações de poder”. Por isso, podemos dizer que o imaginário influencia na produção dos efeitos de sentido e também possibilita ao sujeito atribuir uma referida designação para a língua de acordo com as condições de produção que regem o seu dizer.

São várias as designações que encontramos para a língua, principalmente quando o objetivo é divulgá-la através da mídia. Conforme demonstra o arquivo que elaboramos para este trabalho, a língua pode ser tanto uma ferramenta para alcançar o lucro, já que ela é vendida a fim de atrair os sujeitos via discurso, quanto pode ser um recurso para instituir a “paz mundial”, via internacionalização.

De acordo com Guimarães (2005, p. 09) “a designação é o que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real”. Assim, compreendemos que a designação não se produz aleatoriamente, os sujeitos “escolhem” certas palavras para dar um significado específico às coisas, e mesmo de modo inconsciente, essa escolha é determinada social e ideologicamente. Por isso, as inúmeras designações de língua nos remetem ao contexto sócio-histórico e econômico em que ela está inscrita, depende da posição-sujeito e das condições de produção em que circulam estes diferentes modos de significar a língua, há uma relação do imaginário com o real. Perguntamo-nos, então, quais são as aproximações e os distanciamentos apontados entre a Língua Inglesa e o Esperanto?

Em nosso trabalho, interessa-nos de modo específico a diferença entre as designações língua e idioma, de que modo os materiais que divulgam o ensino/aprendizagem de língua(s) abordam-na(s) de um modo e não de outro. Se olharmos para as instituições que divulgam a língua que ensinam, a mídia faz circular, na maioria dos casos, saberes de um campo

---

<sup>1</sup> O Estado a que nos referimos não é território e nem fronteira, mas é uma parte de uma comunidade que detém o poder, que comanda os sujeitos, são relações de força que se estabelecem, organizando determinadas regras, conduzindo o sujeito ao assujeitamento, ou seja, o Estado é aquele que detém a ideologia dominante a partir do poder.

discursivo referente à designação idioma. Ambas as designações parecem sinônimas e pela ordem da evidência até parece que elas produzem o mesmo efeito. No entanto, há diferença entre uma e outra. Ao substituir língua por idioma, somos remetidas a alguma coisa que pode ser “decorada”, que não exige esforço do sujeito aprendiz, ele pode facilmente “decorar” a língua. Conforme explicita Haroche (1992, p. 224), a designação idioma deriva da palavra grega idiotismo. “O idiota é remetido ao ignorante que fala uma língua inaudível e que não pode compreender a dos outros”.

Esta designação (idioma) refere-se a um sujeito que fala uma língua incompreensível para ele mesmo. O termo ignorante é no sentido de que o sujeito aceita falar tal língua sem refletir sobre aquilo que está aprendendo, ele apreende sentidos já dados. Além disso, nem questiona as razões pelas quais está aprendendo uma língua e não outra, ele é tomado por uma ideologia dominante de que é necessário conhecer um “idioma” para alcançar sucesso, não há escolha para optar aprender línguas, é apenas uma e ponto final. Ao menos, essa relação é visível no contexto social ao qual estamos direcionando nossas investigações, o que não garante que isso funciona em qualquer lugar. Talvez por isso, a designação idioma advém do idiotismo, remetendo aquele sujeito que se submete aos discursos de uma ideologia dominante, sem resistência. Esta reflexão foi suscitada pela forma como são designados os cursos que ensinam Língua Inglesa como língua estrangeira: são Cursos de Idiomas.

A Língua Inglesa, nesse caso, pode estar designando o idiota, o sujeito que é interpelado pela ideologia dominante dos EUA. É a língua que representa o lucro, o capital, aquela que remete ao sucesso, mas, por outro lado, ela também é a língua que ascendeu através da história, sendo instituída e promovida através de guerras e conflitos. Isso quer dizer que os discursos referentes à Língua Inglesa estão materializados por saberes da ordem do Estado, há um entrecruzamento com a dominação linguístico-cultural tanto pela força bruta quanto pela imposição que a mídia faz circular. Pois, em outros tempos, a Língua Inglesa foi imposta pela força bruta e, atualmente, ela vem ganhando espaço através da divulgação linguística voltada ao mercado de trabalho (cf. PHILLIPSON, 1992, p. 08). Portanto, os discursos em torno da Língua Inglesa estão materializados enquanto a língua dos negócios, aquela que possibilita crescimento profissional.

Já, por outro viés, observamos que o Esperanto é um movimento linguístico que pretende instaurar a paz entre as Nações, defende uma língua comum para todos, bem como também pretende a internacionalização, unificar o mundo todo a partir da língua. Porém, esta ilusão de que seria possível existir uma língua sem falhas na comunicação também está tomada por discursos da dominação e do poder, o que ocorre de uma maneira mais “sutil”. Até que ponto o Esperanto seria uma língua neutra?

### **3. Língua Inglesa: a comercialização de uma imagem de língua**

Dentre as inúmeras línguas existentes no mundo, é apenas uma delas que se destaca ao menos no continente americano, enquanto a língua que deve ser aprendida tendo em vista as oportunidades que ela possibilita: a Inglesa. Conforme apontam alguns estudos, a interpelação da Língua Inglesa decorre de uma nova relação de poder: o do mercado<sup>2</sup>, o qual regula o imaginário social em torno do ensino/aprendizagem desta língua. Assim, há um deslizamento

---

<sup>2</sup> Compreendemos este funcionamento discursivo a partir da leitura de duas dissertações de mestrado que trazem à tona esta questão. A primeira é da autora Greice de Nóbrega e Sousa (2007), defendida na USP, sob orientação da professora Dr. Maria Teresa Celada. A segunda é de Leandro Rodriguez Alves Diniz (2008), defendida na UNICAMP, sob orientação da professora Dr. Mônica Zoppi-Fontana. Ambas tentam demonstrar que a Língua Inglesa está tomada por discursos que agregam os saberes da ordem do capitalismo, do mercado de vendas.

de sentidos produzindo efeitos de sentido de que esta língua só se aprende em um bom Curso de Idiomas e que a escola não tem condições de ensinar uma língua estrangeira (cf. SOUZA, 2006).

Atualmente, a Língua Inglesa tem se tornado a língua necessária tendo em vista os discursos do capitalismo. A mídia pretende uma aproximação via discurso e/ou imagem de um sujeito que necessita atender as demandas da sua profissão. Conforme salienta Orlandi (1999, p. 39), todo sujeito antecipa o seu dizer para um interlocutor imaginário levando em conta os efeitos de sentido que suas palavras poderão produzir em um referido contexto. A mídia circula com um jogo discursivo de palavras para divulgar a língua que pretende vender.

A relação entre a Língua Inglesa e a globalização é explicitamente abordada pelas instituições que visam ao lucro. Mas, perguntamo-nos quais são as implicações deste processo já que antes da globalização também existiam os Cursos que ensinavam línguas? Podemos afirmar que antes de terem surgido estes discursos que agregam saberes da demanda pelo capital decorrentes da globalização, os quais circulam com uma noção de língua enquanto “produto”, já havia também discursos de divulgação para o ensino/aprendizagem de línguas. Entretanto, esta divulgação dava-se por caminhos diferentes, o ensino de línguas não estava voltado aos negócios, mas voltava-se aos objetivos daquele momento sócio-histórico. Aprender uma língua estrangeira no contexto dos anos 50, por exemplo, estava relacionado a um sujeito que pretendia viajar, que desejava conhecer outros países, a língua era diretamente vinculada à cultura de uma Nação específica.

Vejamos a ilustração de um instrumento divulgador de línguas daquele período<sup>3</sup>:



Observamos que a língua destacada, em primeiro momento, não é a Inglesa, mas a francesa. Isso permite compreender a aproximação da Língua Inglesa com os discursos do mercado que gira em torno do capital, pois, no momento em que os Cursos de Idiomas

<sup>3</sup> O objetivo de explorar esta ilustração é para que o leitor consiga acompanhar o desenvolvimento de nossos argumentos elencados no trabalho.

passam a ser franquias, eles já não ensinam qualquer língua, mas a língua que se fala no maior país capitalista do mundo, os EUA. Esta relação se torna explícita pela diferença entre as condições de produção nos tempos atuais, vejamos a próxima referência ilustrativa:



Nessa perspectiva, podemos trazer à tona uma citação de Gadet & Pêcheux (2004, p. 24), a qual nos possibilita compreender estas relações da Língua Inglesa e o capitalismo vinculados especificamente ao país representado nesta imagem:

O capitalismo contemporâneo, por seu lado, compreendeu que tinha interesse em quebrar as estátuas. Dominação mais sutil, que consiste em reforçar as marcas pelo jogo interno de sua diferença, pelo logro publicitário da linguagem comercial e política: “a língua de vento” permite à classe no poder exercer sua maestria, sem mestre aparente. Ela não serve tampouco a seu mestre. O imperialismo fala hoje uma língua de ferro, mas aprendeu a torná-la tão leve quanto o vento.

Podemos compreendermos que o termo língua de ferro faz referência à Língua Inglesa, pois ela trabalha para a imposição de regras, visa comandar de modo imperialista. Este desejo em alcançar o poder, tendo como “ferramenta” a língua, torna-se oculto e menos visível pelo processo da globalização, isto é, a Língua Inglesa surge nesse contexto como a língua essencial e necessária para a comunicação, o mundo dos negócios gira em torno dela. A língua de ferro se traveste em língua de vento, mas o seu funcionamento continua o mesmo. É a língua que se traveste em leveza, mas continua dominando duramente os falantes.

Assim, a globalização remete-nos à língua de vento, aquela que Gadet & Pêcheux (idem, p. 23) referem-se enquanto uma língua rápida, a língua que a mídia faz circular e divulga. “A língua de madeira do direito e da política se enrosca com a língua de vento da propaganda e da publicidade”. Observamos que a língua de vento tem efeito rápido e imediato, “conquistando” os sujeitos. Já, a língua de madeira é aquela que se estabiliza, se fixa com o tempo, os discursos a materializam. Ao afirmar que estas duas línguas se enroscam, podemos compreender que a mídia é eficaz no processo da identificação do sujeito, ela o toma de tal maneira que ele se identifica com esta língua, é uma dominação sutil, ele é dominado sem se dar conta.

O fato de a Língua Inglesa estar tomada por discursos do mercado deve-se pela influência que o Estado exerce nos discursos que giram em torno da noção de língua. Pensar na globalização implica compreender que há uma relação de força produzindo este efeito, algo que regula o que pode e deve ser dito de acordo com a posição tomada pelo sujeito discursivo, é a seleção de palavras ao seu interlocutor (cf. PÊCHEUX, 2007). “Nem o dinheiro nem a informação teriam a força que têm em países como o Brasil, sem que o Estado

decidisse lhes dar a mão forte” (SANTOS, 1998, p. 04). Sob esta afirmação, visualizamos que o Estado, enquanto um aparelho ideológico, influencia na tomada de posição-sujeito sobre a língua, especificamente, sobre a língua que mantém as relações capitalistas, a Inglesa.

#### 4. Da globalização à mundialização

Para falarmos de globalização, é importante explicitar que o nosso olhar não está distante daquilo que se compreende por mundialização. Afirmamos que o movimento global, a globalização, pode ser uma antecipação à mundialização. Pois, ambas as designações, remetem-nos a pensar a nível mais abrangente, ao conjunto de países que constituem o mundo na sua totalidade. No entanto, a globalização estaria mais ligada ao mercado ao passo que a mundialização estaria relacionada de modo geral ao que se estende da globalização, efeitos do que se pode acrescentar do capitalismo, é o efeito da contemporaneidade sobre a globalização.

Conforme explicita Orlandi (2009, p. 15), a mundialização “é um processo geopolítico de extensão progressiva do capitalismo em escala planetária e que é ao mesmo tempo uma ideologia, uma moeda, um instrumento, um sistema político, uma língua (o inglês)”. Este movimento de sentidos da globalização para a mundialização pode ser compreendido da seguinte maneira: o termo globalização remete à totalidade, aos sentidos de unir, juntar; advém do globo, significando também relações de dominância, onde apenas um país comandaria todos os demais. O dicionário Aurélio online (2008)<sup>4</sup> apresenta que global “é total, considerado em bloco, computado ou avaliado em conjunto...” Assim, a globalização é uma tentativa de reunir todas as Nações sob o controle do mais “poderoso”, é a relação dos EUA, o maior país capitalista da história com as demais Nações, ele toma a posição daquele que “tudo pode”, o imaginário que o constitui é o de que só eles “podem interferir quando quiserem e sem auxílio em qualquer parte do globo” (IANNI, 2003, p. 37). Por isso, a globalização faz menção aos EUA, ao poder que ele pretende instituir.

Já, a mundialização advém de mundo, remete a alguma coisa mais geral, onde todos os países estariam ligados aparentemente por interesses em comum, apagando a política de intervenção. Recorrendo ao dicionário (ibidem), observamos que o verbete/a palavra mundial é apresentado como “que diz respeito, interessa ao mundo inteiro: política mundial”. O que diferencia uma designação de outra são as relações de poder que elas impõem, enquanto uma delas circula explicitamente com o imaginário de comandar, dominar, a outra torna este propósito menos visível pelo discurso que a faz funcionar, na tentativa ilusória de conter os sentidos.

De acordo com Santos (1998, p. 04), “o período da globalização está morrendo. O que nós vamos ter é uma outra globalização produzida a partir dos territórios, de suas culturas, das aspirações de povo”. Essa afirmação sustenta os nossos argumentos de que a globalização está sendo tomada pela mundialização, mas, ao mesmo tempo, são dois processos que se mantêm relacionados, ambas as significações trabalham para instituir o capitalismo. Na verdade o sentido de “político” é o que mais diferencia uma noção da outra, mas esse já é tema para outro artigo.

#### 5. Esperanto: a língua e o movimento linguístico

A primeira pergunta que emerge diante de nossas investigações diz respeito às instituições que ensinam o Esperanto como língua estrangeira. Em geral, são pequenos grupos ou comunidades que se reúnem para aprender e ensinar esta língua, não há registros oficiais

<sup>4</sup> Fonte: <http://www.dicionariodoaurelio.com/dicionario.php?P=Global>; acesso em 25/07/10.

de que existam Cursos de Idiomas que ensinam o Esperanto, em termos de Brasil, posto que as franquias não estão interessadas em divulgar uma língua a ser aprendida e sim, em obter o lucro. O Esperanto não está sustentado por nenhuma organização capital, não é a língua que rende lucros e geralmente ele circula na mídia através de instituições vinculadas em alguma religião. Mas como funciona esta política de divulgação? Podemos afirmar que, embora não existam franquias de ensino para esta língua, ela também apresenta efeitos de que têm por objetivo chegar ao poder.

Importa destacar que a história do Esperanto se diferencia das demais, inclusive da Língua Inglesa. Trata-se de uma língua artificial que foi criada em 1887, quando o Doutor Lejzer Ludwik Zamenhof<sup>5</sup> publicou, em russo, um livro com o título Língua Internacional. Prefácio e manual completo (para russos). O nome Esperanto foi atribuído devido ao pseudônimo utilizado por Zamenhof ao assinar o livro *Doktoro Esperanto* (doutor esperançoso) (cf. ECO, 2002, p. 389). Observamos que tal língua foi criada há mais de 120 anos e não obteve a mesma repercussão que a Língua inglesa obteve em tão pouco tempo. A tentativa da implementação da noção de língua proposta por Zamenhof está tomada pelo imaginário de que o mundo poderia ser diferente, que a língua seria capaz de acabar com os desentendimentos entre os povos. Este seria o efeito de evidência maior.

Ao imaginar a língua como aquela que provoca desigualdades, que institui a desordem para o mundo, estão sendo retomados os discursos referentes à Torre de Babel, já que este mito registra o suposto início da confusão linguística. Nesse caso, o político que está em funcionamento é o de uma posição religiosa que busca um fundamento linguístico. As condições de produção em que foi pensada esta língua fizeram com que ela fosse divulgada aos russos em um primeiro momento.

Arriscamo-nos a dizer que o Esperanto está materializado por discursos referentes à resistência do sujeito quanto à dominação linguística em seu território, era este o imaginário de língua que circulava na época em que ele foi criado, todavia, isto não significa que atualmente ele esteja representado enquanto resistência à imposição de outras línguas. Diante destas considerações, perguntamo-nos se ele não estaria pretendendo instituir uma nova forma de governar a partir da língua, tentando reconstruir aquilo que já produziu efeitos em outros momentos sócio-históricos tomados pela ilusão de que seria possível reconstruir a Torre de Babel.

Esta ilusão pretende eliminar com as ambiguidades linguísticas (cf. HAROCHE, 1992), as quais constituem uma ameaça para a produção dos efeitos de sentido levando em consideração o controle sobre a língua, não pode haver espaço para uma nova interpretação, os sujeitos devem interpretar daquele modo e ponto final. Observamos esta relação a partir do destaque que o movimento esperantista aborda para a língua, Francini (1976, p. 18) afirma que:

o esperanto é, pois, uma língua clara, concisa e precisa. Sua clareza é tal que satisfaz, melhor do que nenhuma outra, o objetivo primacial de toda a linguagem escrita ou falada, que é o de transmitir o pensamento. As pequenas complicações que pode exibir têm a finalidade precípua de servir a esse objetivo máximo. Por isso, o esperanto não admite confusão ou ambiguidades, nem em nome da elegância. O que nele se disser, não pode deixar margem a dúvidas, sem que se exclua a elegância do estilo.

Vejamos que, numa perspectiva esperantista, a ambiguidade é sinônima de elegância, o que significa que a ambiguidade instaura a diferença e, aliás, é este o motivo pelo qual o

---

<sup>5</sup> Traduzindo para o português: Lázaro Luiz Zamenhof.

Esperanto insiste em ser uma língua neutra que não aceite uma “dupla interpretação”, é o “medo” em aceitar que existe a diferença posto que se isso fosse demonstrado explicitamente na/pela língua, o propósito em recuperar a língua adâmica estaria perdido já que para concretizar este sonho é necessário trabalhar ideologicamente com a possibilidade de que o mundo inteiro possa falar a mesma língua sem que haja desentendimentos.

Assim, emergem os saberes inscritos no discurso religioso atravessados por saberes de outra ordem, os do Estado. Estes discursos estão entrecruzados, ou seja, o Esperanto não é somente a língua que defende a paz, mas é também a língua que pretende “conquistar” espaço no mundo, a fim de alcançar uma posição semelhante àquela que ocupa a Língua Inglesa em tempos atuais, fato que se torna menos visível pelo efeito da evidência com o qual a mídia circula. A dominação pela qual trabalha o movimento esperantista é sutil, os discursos de valorização desta língua operam com os discursos religiosos tendo em vista que eles são mais eficazes na produção dos efeitos de sentido.

Arriscamo-nos a dizer que o Esperanto mantém a aparência de língua neutra baseado nos discursos religiosos a fim de desconstruir a materialidade histórico-discursiva das quais as línguas estão revestidas, pois, se ele fosse divulgado da mesma maneira que a Língua Inglesa, possivelmente não teria o mesmo efeito, visto que a Língua Inglesa é a língua que representa a diferença e isto não pode ser aceito pelo movimento esperantista, pois ele defende a unificação entre os povos.

## 6. Uma proposta de língua para todos: a evidência

Outro fato que nos instiga é que o Esperanto foi criado a partir do modelo greco-latino (cf. FRANCINI, 1976, p. 17). Quais seriam os motivos desta escolha? O sujeito que criou o Esperanto com o propósito de instituir uma língua comum a todos nos deixa pistas de que as línguas de prestígio de outra época são aquelas que deveriam circular pelo mundo, o grego e o latim. Assim, não é somente a tomada de posição-sujeito que o levou a formular uma língua voltada ao prestígio, mas também a ideologia que o dominava, fundamentada no valor social atribuído à(s) língua(s).

Esta fundamentação do Esperanto nas origens do grego e do latim enquanto estrutura própria de línguas de prestígio na história da humanidade é, talvez, tentar historicizar o que não tem história. A língua que é internacional, mas que não remete a uma cultura específica em sua época, remete-nos, pois, ao que é a-histórico, como se fosse possível o Esperanto substituir todas as línguas existentes em qualquer parte do mundo. Será que o Esperanto está se aproximando da neutralidade ao sustentar-se em língua grega e latina? Como seria possível produzir a interpelação ideológica ao circular com a noção de língua neutra? Que proposta de língua é esta que tenta resgatar o prestígio do passado, apontando para o apagamento das diferenças no futuro?

Uma das maneiras de começar a produzir efeito no sentido de “atrair” sujeitos para este movimento pode ser através da divulgação linguística na religião, tendo em vista que o mito da Torre de Babel é tratado pela Bíblia e o Esperanto já apresenta esta proposta de instituição no lugar do latim, ou seja, atualmente, o movimento esperantista pretende colocá-lo na mesma posição que o latim ocupou sócio-historicamente em outros momentos enquanto a língua que predominava em contexto religioso para dominação linguística. Vejamos o que escreve Matthias (2003, p. 10) em relação à implantação do Esperanto para a Igreja:

se hoje em dia não mais se usa o latim na Igreja, por que não se poderia introduzir a língua internacional neutra esperanto? De repente tudo ficaria mais simples, mais barato, etc., na compreensão internacional da Igreja. É claro, eu concordo que o

esperanto seja usado como língua auxiliar, e assim em casa teríamos a língua materna e, para a comunicação internacional, o esperanto. Se a Igreja aceitasse essa solução já há muito proposta, estaríamos subitamente livres do problema linguístico na esfera internacional da Igreja Católica (...) O latim é o antigo esperanto da Igreja.

A Igreja é um importante aparelho ideológico de divulgação linguística e até pouco tempo adotava, no ocidente, o latim como a língua oficial dos sermões, evangelhos, etc. Esta citação permite compreender que o Esperanto pretende materializar-se nos discursos religiosos para dominar os sujeitos via língua, pois, no caso do latim, a Igreja Católica realizava os sermões obrigatoriamente apenas em latim, era uma maneira de conservar a língua “viva”, de demonstrar o seu poder, bem como de controlar as possibilidades de interpretação. Talvez seja este um dos motivos pelos quais o Esperanto busca tornar-se a língua da Igreja, posto que se isso ocorresse de fato, ele teria um destaque maior, passaria a dominar pelo menos os discursos religiosos para depois chegar a outras áreas do conhecimento.

Observamos que há outra contradição explícita proposta pelos divulgadores do Esperanto ao afirmar que, se o Esperanto fosse adotado como a língua oficial da Igreja, seriam eliminados os problemas linguísticos da ordem dos discursos religiosos, mas será que eles seriam eliminados? Ou, eles iriam contribuir para uma nova dominação já que tudo seria realizado em Esperanto? A proposta de língua neutra não remeteria a este efeito, o que leva a pensar que, ao propor o novo latim para a Igreja, o objetivo é tornar-se a língua que “comanda” as relações entre os sujeitos.

Diante da representação que opera o mito da Torre de Babel, inquietamo-nos com o modo que o Esperanto é divulgado, uma vez que ele desfaz a possibilidade de retorno a língua única e também desfaz a neutralidade no que diz respeito ao propósito de não visar ao lucro. Pois, se a preocupação deste movimento estivesse voltada ao apagamento de outras línguas, o Esperanto não teria tomado como modelo as línguas de prestígio de outra época, bem como não estaria divulgando, na atualidade, o desejo em tornar-se o novo latim da Igreja. É um movimento que divulga uma política linguística voltada ao processo de reconstruir uma nova Nação, idealizada por discursos da ordem da religião, mas que também está atravessada por discursos da ordem do Estado, do Estado capitalista.

Para compreender o percurso que tentamos demonstrar em relação ao movimento esperantista, vejamos duas ilustrações sobre o ensino/aprendizagem do Esperanto:

**CURSO ELEMENTAR DE  
ESPERANTO**  
- A LÍNGUA INTERNACIONAL -



"Sim, o ESPERANTO é lição de fraternidade.  
Aprendamo-la, para sondar, na Terra,  
o pensamento daqueles que sofrem  
e trabalham noutros campos."

Emmanuel



INÍCIO: 09 de Março de 2010  
DURAÇÃO: Até Dezembro de 2010 (aulas todas as terças feiras)  
Horário: das 19h às 20:20 hs

Público alvo: Todos que desejarem aprender o Esperanto  
Local: União Espirita Mineira - Sala 21  
Rua Guarani, 315 - Centro

Inscrições no dia e local local do curso,  
ou pelo tel. (31) 9791-9384 com Said, ou pelo site [www.uemmg.org.br](http://www.uemmg.org.br)


Vagas Limitadas



São Paulo sediará,  
em 2011, três eventos  
esperantistas, um deles  
inclusive internacional,  
ao mesmo tempo e  
no mesmo endereço.

Prepare-se você também  
para vivenciar uma  
experiência linguística  
e cultural surpreendente!

Aprenda o Esperanto!



Mano skulptaĵo  
Oskar Nemejyer  
{Memorialo de Latinameriko}

Observamos que a mídia trabalha ideologicamente pela divulgação do Esperanto na tentativa de também “atrair” sujeitos para este movimento. A materialidade discursiva que o constitui está atravessada por discursos religiosos, entretanto, nossas investigações explicitam que, atualmente, o Esperanto pretende alcançar uma posição dominante, interpelando o sujeito a se identificar com esta língua na esperança de que ela possa instituir um “novo mundo”, prometendo reconstruir a Torre de Babel. Nesse sentido, os discursos que lhe dá sustentação constituem a passagem do sujeito religioso para o capital (cf. HAROCHE, 1992).

É necessário ressaltar que o título deste artigo está se referindo à designação língua universal devido ao percurso teórico que iremos aprofundar em nossa dissertação. Nela, iremos operar com a movimentação de sentidos da língua internacional que passa a funcionar enquanto universal. Tentaremos demonstrar que uma designação leva à outra, porém, os

sentidos continuam a produzir os mesmos efeitos. Portanto, a língua internacional que abordamos neste trabalho é a língua universal que está destacada no título.

## 7. Considerações finais

Abordar a noção de língua significa buscar compreender o seu funcionamento em um dado contexto e tomar uma posição diante da produção dos efeitos de sentido que ela possibilita. Neste trabalho, tentamos esboçar algumas das investigações que estão sendo desenvolvidos na dissertação. Observamos que a divulgação do ensino/aprendizagem de línguas dos Cursos de Idiomas em tempos atuais opera com saberes inscritos em um discurso voltado à ideologia do capitalismo, a língua não é divulgada apenas para o aprendizado, mas também pelo desejo de obter o lucro, em vendê-la para um sujeito aprendiz construído imaginariamente, reproduzindo a ideologia norte-americana que domina os países latinos. Nesse sentido, a língua foi por nós designada enquanto a língua global. Há uma sobredeterminação do Estado enquanto aparelho ideológico na circulação destes discursos. Se a ideologia do capitalismo funciona neste lugar é a partir da política linguística de Estado.

No tocante a estes efeitos de sentido, compreendemos que há um movimento linguístico paralelo à Língua Inglesa, o qual circula com uma noção de língua internacional que se diz “neutra”. Esta circulação opera com discursos da ordem do religioso, remetendos ao desejo de impor uma única língua para o mundo, a qual está tomada pela ilusão de acabar com as diferenças: o Esperanto.

Embora o fato de que a língua de maior repercussão seja a Inglesa, não quer dizer que seja apenas ela que objetiva alcançar a dominação linguístico-cultural. O que permite visualizar este desejo é o modo pelo qual a mídia divulga o ensino/aprendizagem de línguas. O Esperanto também trabalha pela divulgação de uma língua tendo a mídia como recurso. A tentativa de substituir uma língua que já predominou no espaço religioso por outra nos remetem a esta relação.

A Língua Inglesa circula com uma noção de língua referente ao lucro e ao crescimento profissional. Em outros tempos, aprender uma língua estrangeira não remetia necessariamente ao inglês, é a globalização, portanto, que acelerou este processo. Já o esperanto, divulga uma língua internacional que está materializada por saberes inscritos em uma posição discursiva de dominação via prestígio da língua a fim de chegar ao poder. Ambas as línguas pretendem o controle sobre as Nações, o que as diferencia é o efeito da evidência com o qual elas operam nos instrumentos midiáticos de divulgação linguística.

## Referências

- BÍBLIA SAGRADA. *Gênesis, 11, 01-09*. Edições Paulinas, 2002.
- ECO, Umberto. *A busca da língua perfeita na cultura européia*. Trad. Antônio Angonese. 2ª Ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- FRANCINI, Walter. *Esperanto sem preconceitos*. São Paulo: Associação Paulista de Esperanto, 1976.
- GADET, Françoise & PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Tradução: Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005.
- HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer, Querir dizer*. Tradução: Eni Orlandi. São Paulo: Ed. Hucitec, 1992.

IANNI, Octavio. Sociologia do terrorismo. In: DOWBOR, Ladislau; IANNI, Octavio; ANTAS JR., Ricardo Mendes (orgs.). *Estados Unidos: a supremacia contestada*. São Paulo: Cortez, 2003.

MATTHIAS, Ulrich. *Esperanto: o novo latim da igreja e do ecumenismo*. Trad. Ismael Mattos Andrade Ávila. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. Historicidade, indivíduo e sociedade: o sujeito na contemporaneidade. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange. (orgs.). *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. Ed. Claraluz, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia Mariani [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007. p. 61-161.

PHILLIPSON, Robert. *Linguistic Imperialism*. Oxford University Press, 1992.

SANTOS, Milton. Temos tudo para construir uma nova sociedade. Entrevista em: *Democracia Viva*, nº 2, fev/1998. p. 01-22.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. *O movimento dos sentidos sobre línguas estrangeiras no Brasil: Discurso, história e educação*. Tese de doutorado. UNICAMP, 2005. Disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com/dicionario.php?P=Global>; acesso em 25/07/10.